

---

---

## RESILIÊNCIA E VELHICE: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE IDOSOS DE DIFERENTES CLASSES SOCIAIS<sup>1</sup>

Ludgleydson Fernandes de Araújo<sup>2</sup>  
Rayfran José Sousa Silva  
Universidade Federal do Piauí – UFPI, PI-Brasil.

**RESUMO.** O crescimento no número de idosos no Brasil e no mundo é uma realidade nas estatísticas sociodemográficas. Tal fator é resultado do avanço no acesso aos serviços socio sanitários, bem como ao tratamento de algumas doenças que têm propiciado maior longevidade e esperança de vida. Desse modo, a resiliência é um constructo psicossocial importante que possibilita enfrentamento das adversidades na velhice. A presente investigação teve como objetivos principais estudar e comparar os níveis de resiliência entre idosos de diferentes classes sociais (baixa renda e alta renda). A amostra foi composta por 20 idosos, entre eles, homens e mulheres, de ambas as classes sociais, com idades que variam de 61 a 84 anos (M=67, 75 DP= 6,17). No contato com os participantes, foram utilizados instrumentos como questionários sociodemográficos e entrevistas semiestruturadas. Para a análise da entrevista semiestruturada, foi empregada a análise de conteúdo de Bardin. A partir dos dados desta pesquisa, pode-se verificar que os idosos de ambos os grupos relataram dificuldades decorrentes do período da velhice, porém tanto o de nível social baixo como o de alto estão munidos de ideias e recursos para superar os empecilhos que a vida apresenta. Espera-se que os dados da presente pesquisa possam subsidiar novas investigações, com o escopo de somar dados inovadores, referentes à resiliência na velhice com idosos de diferentes classes sociais, considerando-se a escassez de publicações relacionadas a esse tema e as limitações deste estudo.

**Palavras-chave:** Resiliência; velhice; classes sociais.

## RESILIENCE AND AGING: A COMPARATIVE STUDY AMONG ELDERLY PEOPLE OF DIFFERENT SOCIAL CLASSES

**ABSTRACT.** The growth in the number of elderly people in Brazil and around the world is a reality in socio-demographic statistics. This factor is a result of advances for the access to health services, as well as the treatment of some diseases that has provided greater longevity and life expectancy. Thus, resilience is an important psychosocial construct that enables the facing of adversities in the old age. This research aimed to study and compare the levels of resilience among elderly people of different social classes (low-income and high-income). The sample consisted of 20 elders, including men and women of both classes with ages ranging 61-84 years (M = 67, 75 SD = 6.17). In the contact with the participants, instruments were used, such as sociodemographic questionnaires and semi-structured interviews. For the analysis of semi-structured interview, Bardin content analysis was used. From the data of this research, it could be noticed that the elderly of both groups reported difficulties arising from the old age period, but the two are provided with ideas and resources to overcome the obstacles that life presents. It is expected that the survey data can support new researches, with the aim of adding innovative data regarding resilience in old age, with older people from different social classes, considering the scarcity of publications related to this topic and the limitations of this study.

**Keywords:** Resilience; aging; social classes.

---

<sup>1</sup> *Apoio e financiamento:* Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Universidade Federal do Piauí – UFPI.

<sup>2</sup> *E-mail:* ludgleydson@yahoo.com.br

## RESILIENCIA Y VEJEZ: UN ESTUDIO ENTRE PERSONAS MAYORES DE DIFERENTES CLASES SOCIALES

**RESUMEN.** El aumento en el número de personas mayores en Brasil y en el mundo entero es una realidad en las estadísticas socio-demográficas. Este factor es el resultado de los avances en el acceso a los servicios sociales y sanitarios, así como el tratamiento de algunas enfermedades que ha proporcionado una mayor longevidad y la esperanza de vida. Por lo tanto, la capacidad de recuperación es un importante constructo psicosocial que permite enfrentar a las adversidades en la vejez. Esta investigación tuvo como objetivo estudiar y comparar los niveles de resiliencia entre las personas mayores de diferentes clases sociales (de bajos y altos ingresos). La muestra está formada por 20 personas de edad avanzada, incluyendo hombres y mujeres de ambas clases con edades entre 61-84 años ( $M = 67.75$ ;  $DT = 6,17$ ). En contacto con los participantes, instrumentos fueron utilizados como cuestionarios sociodemográficos y entrevistas semiestructuradas. Para el análisis de la entrevista semiestructurada se utilizó para el análisis de contenido de Bardin. A partir de los datos de esta investigación, se puede observar que los ancianos de ambos grupos informaron de las dificultades derivadas de período de la vejez, pero tanto el bajo nivel social como de alto, están provistos de ideas y recursos para superar los obstáculos que la vida presenta. Se espera que los datos de la encuesta pueden apoyar esta nueva investigación, con el objetivo de añadir innovadora capacidad de recuperación de datos en la vejez con las personas mayores de diferentes clases sociales, teniendo en cuenta la escasez de publicaciones relacionadas con este tema y las limitaciones de este estudio.

**Palabras-clave:** Resiliencia; Vejez; Clases Sociales.

---

### Introdução

O crescimento no número de pessoas idosas é uma realidade mundial (Araújo & Fernández-Rouco, 2016; Debert, 2016), tal fato deriva do maior acesso aos serviços socio-sanitários e consequente aumento na expectativa de vida e tem ocasionado o aumento significativo na população idosa no Brasil e no mundo (Araújo, Amaral, & Sá, 2014; Araújo & Fernández-Rouco, 2016).

É sabido que os países desenvolvidos primeiro enriqueceram de forma econômica para ocasionar o aumento da sua população idosa (Mota, 2014). Na realidade brasileira ocorreu o inverso, os velhos foram incrementados na pirâmide etária sem que houvesse um acúmulo de riquezas para o enfrentamento das disparidades psicossociais da velhice (Santos, Araújo, & Cardoso, 2016).

O processo de envelhecimento tem representações complexas e diz respeito ao aumento no número de anos vividos (Mota, 2014). Assim, o presente artigo busca compreender como a resiliência atua no processo de envelhecimento entre idosos de diferentes classes sociais, sendo uma comparação nos modos de vida e capacidades para enfrentar as adversidades em idosos de diferentes classes ou níveis sociais (baixa renda e alta renda). Assim, o termo senescência, ou envelhecimento normal, diz respeito ao processo que é evolutivo e irreversível, em que, com o passar dos anos ou aumento da idade, os indivíduos passarão por algumas transformações, apresentando disfunções que ocorrem por conta dessas modificações corporais, comuns a todo sujeito que envelhece (Ciosak, et al., 2011; Papalia & Feldman, 2016). Muitas vezes, o envelhecimento é analisado através de uma ótica negativa, sendo considerado um simples processo de declínio, improdutividade econômica, insucesso graduais e inevitáveis no curso de vida (Regolin & Karnikowski, 2009).

Destarte, ser velho numa sociedade em que o corpo juvenil e a força de trabalho são os maiores valores econômicos que contribuem para o surgimento de diferentes formas de vulnerabilidades sociais na velhice (Santos et al., 2016) bem como o aumento dos estereótipos negativos e preconceitos em relação aos idosos. Destaca-se que o gênero e a classe social estruturam as expectativas e conformam a ação social na velhice (Motta, 2015), em que as mulheres viúvas, solteiras, separadas ou divorciadas estão mais propensas a viver na pobreza (Papalia & Feldman, 2016). Tal fato impulsiona as pesquisas científicas para se compreender a relação entre os fatores socioeconômicos, relacionados com a capacidade de se enfrentar as adversidades na velhice.

Um construto psicosocial relevante para se compreender os mecanismos de superação das adversidades na velhice, é a resiliência. A resiliência é definida como a resistência adquirida às adversidades ou riscos psicossociais (Araújo, Teva, & Bermúdez, 2015; Coimbra & Morais, 2015). Tal fenômeno requer a atenção para uma série de questões psicológicas e não somente se pautar em um

fato positivo do indivíduo, mas sim analisar cuidadosamente outros fatores determinantes (Rutter, 1999). Para a psicologia, ela está relacionada aos recursos pessoais, que levam aos comportamentos adaptativos, como a autoestima, autoeficácia e capacidade para resolver problemas. Estes atuam como fatores protetores frente às adversidades (Rutter, 1987).

As relações interpessoais da vida moderna propiciam ao ser humano passar por algum tipo de adversidade durante o decorrer da sua vida (Araújo et al., 2015). Essas adversidades variam bastante e podem ir desde uma briga conjugal, por exemplo, ao final de um relacionamento, à morte de algum ente querido, ou até mesmo à perda de bens materiais em um desastre natural. Nesse sentido, determinadas situações, para alguns, podem ser bem traumáticas, chegando ao ponto de impossibilitar que a vida dê seguimento. Para outros, enfrentar as dificuldades faz parte de um processo que é mais elaborado, no sentido de que o sujeito, mesmo passando por momentos de dificuldade, passe a conseguir encará-los e com isso dê seguimento à vida (Angst, 2009).

No presente estudo considera-se que a resiliência não é um traço, melhor dizendo, não advém exclusivamente de traços que o indivíduo apresenta, mas depende também das mudanças que acontecem nos espaços das vivências de cada um, ou seja, no local onde as pessoas trocam experiências (Araújo et al., 2015). Pode ser compreendida por meio de respostas fisiológicas ou das modificações que ocorrem no corpo, o qual responde a estímulos externos. Isso dependerá das experiências individuais de cada um (Rutter, 2007).

É um processo que envolve o êxito, quando se refere ao desenvolvimento dos indivíduos. O ser humano resiliente passa a progredir, ganhar e evoluir, tornando-se apto à adaptação frente às circunstâncias que lhes são oferecidas, mesmo quando estão expostos às situações adversas. Ocorre a interação genética e ambiental (Ungar, 2011). Muitos pesquisadores concordam com a visão de que o processo de enfrentamento sobre situações adversas está ligado a questões biológicas de cada indivíduo em constante influência ao meio social onde ocorrem as trocas de relações.

Esta pesquisa se torna relevante à medida que promove o esclarecimento sobre algumas questões, como é o caso da influência que a renda exerce sobre a saúde ou o bem-estar das pessoas, mais especificamente o público idoso e a relação que possui com a resiliência. Para tanto, como norteadores da pesquisa, quando se trata da questão renda mensal, foram utilizados os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), um estudo prévio acerca da renda familiar que vai da mais baixa, aquelas pessoas que ganham até um salário mínimo; intermediária 1, que vai de dois até cinco salários mínimos; intermediária 2, que vai de cinco até seis salários mínimos; e a faixa alta que corresponde a dez salários mínimos em diante (Singer, 2015). Diante do exposto, a presente investigação teve como objetivos principais estudar e comparar os níveis de resiliência entre idosos de diferentes classes sociais (baixa renda e alta renda).

## Método

### Lócus da investigação

A presente investigação foi desenvolvida numa Unidade Básica de Saúde (UBS). É válido mencionar que, quanto à coleta de dados junto aos idosos da classe alta, esta se deu em ambientes públicos tais como universidades, praças, academias, shoppings, dentre outros locais, respeitando-se o critério visto na literatura acerca da delimitação das classes sociais, proposta pela PNAD (Singer, 2015).

### Tipo de investigação

Trata-se de uma pesquisa descritiva qualiquantitativa *ex post facto*, utilizando-se de dados transversais.

### Participantes

A amostra foi composta por idosos de dois grupos de diferentes classes sociais (baixa e alta), cada um composto por dez pessoas, de ambos os sexos, utilizando como indicador de delimitação a idade

igual ou superior a 60 anos em que são consideradas pessoas idosas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014). Os participantes desta pesquisa relacionada à classe considerada baixa possuem uma média de idade compreendida entre 64 a 84 anos e os da classe alta, idades que vão de 61 a 71 anos. No total a idade dos participantes variou entre 61 a 84 anos ( $M = 67,75$  e o  $DP = 6,17$ ).

**Tabela 01**

*Características sociodemográficas dos idosos de ambas as classes sociais*

<b>Classe Baixa</b>	<b>(%)</b>	<b>Classe Alta</b>	<b>(%)</b>
<b>Sexo</b>		<b>Sexo</b>	
Mulheres	60%	Mulheres	40%
Homens	40%	Homens	60%
<b>Escolaridade</b>		<b>Escolaridade</b>	
Sem Estudos	10%	Sem Estudos	0%
Ensino Fundamental	60%	Ensino Fundamental	0%
Ensino Médio	30%	Ensino Médio	10%
Ensino Superior	0%	Ensino Superior	90%
Outro	0%	Outro	0%
<b>Ocupação</b>		<b>Ocupação</b>	
Dona (o) de Casa	30%	Dona (o) de Casa	0%
Servidor Público	20%	Servidor Público	90%
Outro	50%	Outro	10%
<b>Renda Mensal</b>		<b>Renda Mensal</b>	
1 salário mínimo	70%	1 Salário Mínimo	0%
2 salários mínimos	30%	2 Salários Mínimos	0%
3 a 4 salários mínimos	0%	3 a 4 Salários Mínimos	0%
5 ou mais salários mínimos	0%	5 ou Mais Salários Mínimos	100%

### **Instrumentos**

Foram empregados os seguintes instrumentos: 1) questionários sociodemográficos, para a obtenção de informações sobre o sexo, idade, estado civil, escolaridade, etnia, renda, situação de moradia e saúde, para delinear um perfil dos participantes; e 2) entrevista semiestruturada, com a finalidade de compreender a percepção dos idosos sobre a autopercepção e enfrentamento das adversidades.

### **Procedimentos**

A presente pesquisa foi enviada para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em que foi aprovada com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 52615115115.3.0000.5669. Após a aprovação do CEP, os dois grupos de idosos foram informados para que houvesse o início da coleta de dados.

Em seguida, aos idosos que aceitaram participar da pesquisa, foi solicitado que assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE. De forma individual, cada participante recebeu as

informações do pesquisador sobre o termo, a pesquisa e as implicações de sua participação com o acompanhamento ofertado até o final da pesquisa. O termo contém as informações referentes à pesquisa com os devidos esclarecimentos sobre a participação voluntária. O participante, de forma livre, decidiu se queria ou não participar do trabalho e até mesmo sobre a possível eventualidade de uma desistência, sem quaisquer prejuízos.

Foi realizada uma entrevista semiestruturada. Nesta o informante pôde discorrer sobre as suas experiências, a partir do foco que foi proposto pelo pesquisador, e dá respostas espontâneas e livres. As questões elaboradas para a realização da entrevista levaram em consideração o embasamento teórico da investigação junto às informações recolhidas, referentes ao fenômeno social (Bauer & Gaskell, 2016). Levando-se em consideração esses pontos, foram criadas as seguintes perguntas: 1) *Quais os principais problemas enfrentados no seu dia a dia?*; 2) *Como você age frente aos problemas da vida?*; e 3) *Como você percebe sua velhice?*. A aplicação dos instrumentos teve um tempo médio de aproximadamente 30 min. para cada sujeito. Não foi registrada nenhuma recusa em participar da presente investigação.

### **Análise dos dados**

No que diz respeito aos dados da entrevista semiestruturada, estes foram realizados por meio de uma análise de conteúdo de Bardin (2016). A análise de conteúdo, enquanto método, se torna um somatório de técnicas de exploração das comunicações, que utilizam procedimentos sistemáticos e objetivos para a descrição do conteúdo das mensagens que são passadas por meio dos relatos adquiridos (Bardin, 2016). Por último, foram empregadas estatísticas descritivas através do software SPSS na sua versão 22 para obtenção dos dados sociodemográficos de ambos os grupos pesquisados.

## **Resultados e discussão**

Os dados apreendidos junto aos idosos desta pesquisa, a partir das análises das entrevistas, obtiveram três categorias temáticas, sendo elas: 1) *Problemas enfrentados na velhice*; 2) *Formas de enfrentamento das adversidades da velhice* e 3) *Concepções psicossociais acerca da velhice*, com as suas nove subcategorias no total. No que diz respeito à primeira categoria, relacionada aos problemas enfrentados na velhice, obtiveram-se como subcategorias: *desgaste psicológico*, *desgaste fisiológico* e *desgaste social*. Na segunda categoria temática, que se refere às formas de enfrentamento das adversidades da velhice, destacam-se as subcategorias: *atividades socioculturais* e *recursos individuais*. Por último, destaca-se a terceira categoria temática acerca das concepções psicossociais da velhice com as seguintes subcategorias: *vitalidade*, *senescência* e *adversidades*.

Demonstrou-se, na primeira categoria temática a respeito dos *Problemas enfrentados na velhice*, que os idosos de ambas as classes sociais apresentam dificuldades decorrentes do processo de envelhecimento normal (senescência), em maior proporção a questão relacionada ao desgaste psicológico, com 53% (entendido como a presença de sinais e sintomas tais como ansiedade, depressão, baixa autoestima na velhice) entre os idosos da classe baixa (ver Tabela 2). No que tange aos idosos da classe alta, a subcategoria desgaste social (entendido como a vivência social da velhice: com os estereótipos negativos, preconceitos, menor status social e desvalorização da velhice) obteve maior proporção com 67% das unidades temáticas. Enquanto que os idosos da classe baixa fizeram destaque ao desgaste psicológico, com falas representando o sofrimento causado pelos problemas psicológicos, saudade dos familiares, preocupações com as demandas que a vida apresenta, incapacidade para a realização de atividades cotidianas e solidão. Destacam-se em menor frequência os desgastes social e fisiológico, em que foram realizadas referências às perdas e ganhos da velhice como lutas diárias, dificuldade na relação com os familiares, hipertensão, problemas intestinais e de visão.

Esta categoria temática, relacionada aos problemas enfrentados na velhice entre os idosos de condição socioeconômica baixa, demonstrou que o desgaste psicológico foi mais frequente entre todos os problemas que tiveram no curso de vida tais como a alteração no estilo de vida, o que acaba por

contribuir para que ocorram dificuldades nas suas relações interpessoais. Nesse sentido, pode-se supor que um fator está atrelado a outro, colocando-se que, se determinado idoso enfrenta problemas psicológicos, estes acabam por alterar negativamente na sua vida social. Os fatores fisiológicos comprometidos surgem e podem derivar tanto de questões próprias do processo de senescência, como também do fator psicológico, dando lugar às doenças psicossomáticas (Ciosak et al., 2011; Papalia & Feldman, 2016).

**Tabela 2**

*Problemas enfrentados na velhice*

Subcategorias	Idosos de Baixa Renda		Idosos de Alta Renda	
	F	%	F	%
Desgaste Psicológico	19	53	11	30
Desgaste Fisiológico	08	22	01	03
Desgaste Social	09	25	24	67
Total	36	100%	36	100

Como pode ser verificado em fala de um idoso do sexo masculino, de 80 anos, quando questionado sobre quais os principais problemas enfrentados no seu processo de envelhecimento: *“Quero fazer as coisas e não posso. Estar doente, enfrentar as doenças e não passar bem. Sou sozinho e longe da família. Tenho saudade dos filhos. Tenho pensamentos negativos por estar só. Falta um filho homem para me auxiliar”*. Neste sentido, através da fala, fica claro o desgaste no fator psicológico, como o sofrimento por conta de algumas impossibilidades que surgem; no social, como a falta de apoio social, o que acaba por gerar solidão, a doença que se faz presente, ocorrendo com isso a união de três fatores que afetam a vida do idoso.

No que tange aos dados apreendidos entre os idosos de classe socioeconômica alta a respeito do desgaste social, aparecem questões relacionadas: a enfrentar o trânsito caótico na cidade, a falta de respeito e educação entre as pessoas, a marginalidade que há na sociedade, as dificuldades em acessar atividades remuneradas, as dificuldades em acompanhar as novas tecnologias, as dificuldades resultantes dos relacionamentos interpessoais, a falta de segurança e as muitas tarefas do dia a dia que deixam débitos familiares. Em menor proporção estão as subcategorias desgaste fisiológico e psicológico, em que ocorreram questões como solidão, aborrecimentos, estresse, insônia e cansaço corporal.

Como pode ser verificado na fala de um idoso de 69 anos, ao relacionar os principais problemas enfrentados na vida cotidiana: *“Tenho problemas em enfrentar o trânsito caótico na cidade, as pessoas que não respeitam os direitos dos outros, a marginalidade crescente pela falta de oportunidade e a má educação dos nossos semelhantes”*. Pode-se inferir, por meio do relato, *a priori* que as dificuldades enfrentadas estão relacionadas aos fatores sociais e, atreladas a isso, as dificuldades em lidar com essas questões, o que leva a um comprometimento dos fatores psicológicos da maioria dos sujeitos.

O processo de envelhecimento humano ocasiona alguns declínios tanto fisiológicos como funcionais e estes podem contribuir para a fragilidade e incapacidade (Papalia & Feldman, 2016; Seguin & Nelson,

2003). A literatura científica disserta sobre o desgaste fisiológico como um processo inerente ao envelhecimento biológico durante o curso de vida (Araújo & Fernández-Rouco, 2016), fato verificado nesta pesquisa em maior proporção entre os idosos da classe socioeconômica baixa, quando comparados aos idosos da classe socioeconômica alta.

Ressalta-se, entre os dados desta pesquisa, o desgaste social que foi demonstrado nos idosos de ambas as classes socioeconômicas, enfatizando sua maior prevalência nos idosos de classe socioeconômica alta. Tal fator pode contribuir para comportamentos resilientes como fator protetor individual para os idosos lidarem com as suas adversidades psicossociais (Araújo et al., 2015). Posto isso, o velho resiliente poderá empregar contingências favoráveis na busca pela obtenção de competências individuais para lidar com suas dificuldades pessoais, sem que evite os fatores negativos, mas podendo enfrentar as suas adversidades (Araújo et al., 2015; Cowan, Cowan, & Schulz, 1996).

### Tabela 03

#### *Formas de enfrentamento das adversidades da velhice*

Subcategorias	Idosos de Baixa Renda		Idosos de Alta Renda	
	F	%	F	%
Atividades Socioculturais	33	53	16	37
Recursos Individuais	29	47	27	63
Total	62	100	43	100

A segunda categoria temática, apreendida entre os idosos, diz respeito às *Formas de enfrentamento das adversidades da velhice*, e foram identificadas as subcategorias atividades socioculturais e recursos individuais (ver Tabela 3). Os idosos da classe socioeconômica baixa apresentaram 53% quanto às questões relacionadas a atividades socioculturais, nível maior que o da classe socioeconômica alta, que apresentou 37%. Quanto aos recursos individuais para enfrentamento das dificuldades presentes por conta do processo de senescência na velhice, os idosos da classe baixa apresentaram nível menor, sendo de 47%, e na classe socioeconômica alta com 63%. Podem-se interpretar esses dados possivelmente pelas diferenças socioeconômicas entre os idosos, o modelo econômico vigente em nossa sociedade em que nem todos têm acesso aos mesmos bens materiais e espirituais. Tal fato pode ter influenciado na forma de enfrentamento da velhice para cada grupo investigado.

Nas atividades socioculturais, os idosos pertencentes à classe socioeconômica baixa fizeram menção à participação em grupos de convivências de idosos, grupos de dança, atividades físicas, atividades artesanais, produção de poesias, conversar com as pessoas próximas, estar no ambiente de trabalho, jogar futebol e sair com os amigos como uma forma de descontração. Em relação à subcategoria recursos individuais, surgem aspectos como tranquilidade, distração, ouvir música, demonstrar força e garra, fé e otimismo, utilização dos meios de comunicação para enfrentar a saudade de pessoas queridas, buscando ter pensamentos positivos com relação às diferentes situações. Pode-se elucidar que as formas de enfrentamento da velhice, por parte dos idosos de baixa renda, estão relacionadas às condições de vida deste grupo populacional, que busca dispositivos psicossociais públicos como recursos protetores das perdas da velhice. É sabido que este grupo foi formado pela maioria por velhas (60%), de modo que corrobora publicação recente que apresenta que as mulheres

idosas são mais dependentes economicamente e estão mais propensas a viver na pobreza (Papalia & Feldman, 2016).

Em contrapartida, os idosos que pertencem à classe socioeconômica alta, nas atividades socioculturais, apresentam prática de dirigir, buscar por atividades que possuem profissionais qualificados e que possam atender as suas demandas individuais, ir à igreja, assistir a filmes e ouvir música. Nos recursos individuais eles se utilizam de algumas alternativas, entre elas, a paciência, o amor para com os outros, buscando ter boa convivência com as pessoas que os cercam, buscando superar por meio de recursos individuais as dificuldades que vão surgindo, com coragem, serenidade e tranquilidade para encarar a vida. É válido salientar que 90% dos idosos da classe alta têm curso superior, o que, certamente, pode ter influenciado esses idosos para utilizar recursos individuais (mecanismos do self) para o enfrentamento das perdas e ganhos, inerentes ao processo de envelhecimento.

Os idosos da classe socioeconômica baixa utilizam-se da participação em atividades socioculturais, possuindo também recursos individuais para enfrentarem as suas dificuldades. Participar de atividades que proporcionem a relação social com os demais foi um fator frequente, nesse sentido corrobora o que foi visto sobre o fator resiliência e as maneiras de enfrentar as dificuldades a partir da participação em diferentes contextos, que proporcionam a troca, por meio das relações interpessoais, havendo, assim, a vontade individual do sujeito e o deslocar-se ao encontro de algo que lhe proporcione prazer de vida.

Tal categoria de análise pode ser verificada em trecho da fala de uma idosa com 65 anos, em que destaca como estratégia para enfrentar os problemas da vida na velhice: *“Procuro conversar, procuro os meus amigos, conto histórias, adivinhações, escuto música, assisto TV, filmes, faço atividades físicas na praça, participo de grupo de idosos pois neles existem dança e prática do alongamento”*.

Por outro lado, um idoso com 61 anos, da classe socioeconômica alta, demonstrou sua estratégia para superar as adversidades do processo de envelhecimento da seguinte maneira: *“Primeiro reconhecer que ele existe e assim absorver e trabalhar para depois superar. Assim, utilizo a música como forma lúdica de recomposição. Gosto de experimentar os recursos disponíveis por ser algo concreto. Gosto de yoga, leitura. A yoga ajuda na respiração, respiração é vida, através dela controlo o sono e o cansaço para dar bom encaminhamento à vida. Acredito no espiritual. A yoga contribui não só para o físico, mas para o lado espiritual, ou seja, ela acaba contribuindo para as questões subjetivas do ser humano como um todo (atualmente estou um pouco afastado por conta do tempo)”*.

O estado atual da arte menciona que a resiliência é a capacidade que o indivíduo possui de resolver as suas demandas cotidianas de forma positiva, apesar das suas dificuldades, sendo que essas capacidades são atributos do próprio indivíduo, dos seus ambientes familiar, cultural e social (Coimbra & Morais, 2015; Noronha, Cardoso, & Moraes, 2009).

A resiliência se desenvolve caso o idoso se sinta cuidado, se o meio em que este vive consiga enxergar a sua importância, se o próprio idoso for cuidadoso consigo mesmo, se ele respeitar os seus limites e acima de tudo reconhecer que tem potencial (Araújo et al., 2015). A resiliência não é uma coisa inata do ser humano, mas, sim, é uma construção que se dá continuamente e que possui relação com vários fatores, dentre eles, os biológicos, sociais e culturais (Secunho, 2012).

As atividades socioculturais dos idosos de ambas as classes socioeconômicas são mantidas durante as trocas sociais no curso de vida. Não é somente o idoso que participa, mas todas as pessoas que fazem parte do seu convívio, na realização das tarefas que ocorrem de forma direta ou indireta. É com as reservas ou aptidões do sujeito, dignas de seus recursos individuais, somadas às atividades, que se dão no meio social, onde ocorrem trocas de relações, que a resiliência poderá ser construída e vivenciada.

Como pode ser verificado na Tabela 4, esta pesquisa demonstra dados apreendidos sobre as *Concepções acerca da velhice*. Foram retiradas três subcategorias, *vitalidade*, *senescência* e *adversidades*. Tanto os idosos da classe socioeconômica baixa como os da classe alta apresentaram alto índice de vitalidade, havendo pouca diferença entre ambos, sendo 53% da classe baixa, seguido por 57% da classe alta (maior nível). Relacionado ao processo de envelhecimento e enfrentamento das adversidades, não houve diferenças significativas.

**Tabela 4***Concepções psicossociais acerca da velhice*

Subcategorias	Idosos de Baixa Renda		Idosos de Alta Renda	
	F	%	F	%
Vitalidade	18	53	28	57
Senescência	06	18	08	16
Adversidades	10	29	13	27
Total	34	100	49	100

Nas questões relacionadas à vitalidade, os idosos da classe socioeconômica baixa trouxeram questões como serem autônomos para realização das suas atividades cotidianas, disposição para a prática das suas tarefas diárias, havendo comparações com o passado na época da jovialidade, perceberem o passar dos anos de forma positiva e que soma boas expectativas, a garra e a vontade de enfrentar as dificuldades está sempre presente. Nos da classe alta os exemplos de vitalidade incluem estarem em atividades plenas, serem ativos (fazerem sempre exercícios diários), participar de atividades como a yoga e a meditação, o que contribui para o bem-estar espiritual.

Na subcategoria senescência os idosos da classe socioeconômica baixa relataram questões como problemas de saúde que surgem pelas transformações decorrentes do envelhecimento, mudanças na aparência como o ressecamento da pele e o aparecimento de cabelos brancos. Já os idosos da classe alta trazem quesitos como um processo natural do ser humano e a redução da força física.

Quanto às adversidades, os idosos da classe baixa abarcam os seguintes pontos: desânimo, desconforto, falta de estrutura para encarar os problemas, sofrimento e redução dos anos de vida. Em contrapartida, os idosos da classe alta exibem aspectos como encarar o desgaste do corpo que se torna mais frágil, enfrentar as doenças, impossibilidade para realizar ações do cotidiano, aceitar suas condições e com a visão da velhice de forma natural.

Relacionado aos dados expostos sobre o perfil do idoso que possui menor nível social, sobre as categorias e subcategorias definidas, coloca-se que os mesmos possuem grande vitalidade, o que é demonstrado por meio dos relatos dos mesmos, frente ao estilo de vida que adotam, mesmo diante das adversidades que se apresentam. Eles demonstram gostar de estarem ativos e praticarem atividades que lhes tragam prazer de viver e bem-estar. O espírito de jovialidade se faz presente, havendo a vitalidade para executar diferentes exercícios do dia a dia, incluindo as atividades físicas e mentais.

Ambos os grupos colocam a senescência e as adversidades em segundo plano, apresentando porcentagem menor, quando comparada à vitalidade. Esse fator reforça a ideia de que, mesmo frente às adversidades que surgem no período da velhice, os idosos adquirem recursos próprios como a obtenção do espírito jovial para encarar a vida. Abaixo são enunciados dois relatos dos idosos de ambas as classes.

Uma idosa de nível socioeconômico baixo, com 65 anos, quando questionada sobre a forma com que ela percebe a sua velhice, menciona: *“Me sinto bem apesar das dificuldades, vou enfrentando as batalhas, tenho garra para enfrentar os problemas, não deixo me abater, me sinto feliz”*. Sobre este relato, fica perceptível que esta idosa possui vitalidade para lidar com sua rotina diária, apesar das

dificuldades pelas quais ela passa. As adversidades existem, com a ideia da senescência, mas a vitalidade prevalece mesmo frente a esses fatores, o que é positivo para que os idosos possam encarar as dificuldades que a vida apresenta.

Outra fala relevante surge por meio de uma idosa de 62 anos, da classe socioeconômica alta, que, ao ser questionada sobre como percebe sua velhice, relata: *“A minha aparência me mostra que estou ficando idosa, mas não me considero uma idosa porque estou em plena atividade. Gosto de usar as tecnologias no tempo livre para falar com meus filhos e netos. Me percebo ativa e não como uma pessoa impossibilitada. Faço atividades variadas igual à minha juventude. Se a aparência acusa a idade pois tenho pique como sempre tive na juventude. Tudo é costume. Já sou acostumada a trabalhar desde muito cedo, sendo incentivada pelos pais. Sempre cuidei da família e trabalho com tudo fazendo várias atividades como costurar, cozinhar, faço trabalhos manuais, lido com muitas pessoas, pinto a casa, bordo, faço tricô, corto cabelo, lavo o carro, limpo a casa”*.

A resiliência é um elemento mediador e protetor. Por meio dela se dá o afrontamento do estresse, dos problemas de depressão, da ansiedade, dos traumas que o indivíduo adquire por conta dos eventos negativos pelos quais vivencia, entre outros. Atua também prevenindo que ocorram enfermidades físicas. As pessoas podem ser resilientes, mesmo vivendo em ambientes de vulnerabilidade psicossocial (Araújo et al., 2015).

Para os idosos de ambas as classes sociais, superar é a principal medida a ser adotada frente às estratégias de enfrentamento. Superar é vencer e obter coragem, tendo a capacidade para seguir a vida, muito embora existam as dificuldades. Na velhice, a tranquilidade (classe baixa) e a maturidade (classe alta) se fazem presentes, somando aspectos positivos que se sobressaem aos negativos.

Ambos os grupos apresentam problemas decorrentes do período da velhice, como é o caso do desgaste psicológico e do fisiológico, que na classe baixa ocorrem com maior frequência. Os idosos da classe alta apresentam mais fatores que estão relacionados ao desgaste social. As atividades socioculturais se dão em maior nível nos idosos de classe baixa. É válido mencionar que os idosos de classe alta utilizavam, como estratégias de enfrentamento das adversidades da vida, os recursos individuais (do próprio idoso).

A partir do conjunto de dados desta pesquisa, não foram observadas diferenças significativas entre os grupos investigados. Pode-se destacar em primeiro lugar que os idosos de ambos os grupos construíram uma autopercepção positiva acerca do seu processo de envelhecimento, independente do pertencimento à classe socioeconômica, bem como do acesso aos serviços socio sanitários, diferenciados para cada grupo de idosos. Em segundo lugar, é válido mencionar que o enfrentamento das adversidades (resiliência) na velhice se fez presente em ambos os grupos, como recurso para lidar com as perdas inerentes ao envelhecimento humano.

## Considerações finais

A presente pesquisa buscou identificar a resiliência na velhice de forma comparativa entre idosos de diferentes classes socioeconômicas (baixa renda e alta renda). Nesse sentido, os dados apreendidos entre os idosos de ambas as classes apresentaram aspectos positivos frente aos estímulos negativos de vida que se apresentam dentro do contexto sociocultural de cada grupo.

Consideram-se as diferenças inerentes ao contexto psicossocial dos idosos de ambas as classes e as singularidades de cada um, que refletem em um contexto que é amplo e que retrata diferentes formas de expressão. Destarte, pode-se concluir que tanto os idosos que possuem nível socioeconômico menos favorecido como aqueles mais favorecidos financeiramente apresentam fatores protetores (resiliência) para superação das adversidades do curso de vida. Os aspectos positivos se sobressaem aos negativos.

Vale ressaltar um aspecto importante nesta investigação. Os idosos pertencentes à classe socioeconômica baixa, em sua maioria, praticam atividades mais voltadas aos dispositivos psicossociais e de saúde pública, já os da classe socioeconômica alta não participam desse mesmo contexto, havendo diferença significativa quanto aos recursos utilizados por ambos os grupos. Porém tanto um como outro buscam, dentro do meio social nos quais estão inseridos, meios de enfrentarem as suas adversidades.

O presente estudo apresenta limitações, tendo-se em vista que os dados são restritos a um pequeno número de participantes dentro de contextos socioculturais específicos. Por essa questão, de forma parcimoniosa os resultados não podem ser generalizados para outros contextos socioculturais e grupos populacionais. No entanto espera-se que tais dados possam subsidiar novas investigações com maior abrangência populacional, bem como embasar futuras intervenções psicogerontológicas que tenham como escopos atenuar os estereótipos negativos e preconceitos com relação à velhice e aumentar as concepções positivas e as formas de enfrentamentos das adversidades inerentes ao processo de envelhecimento humano. Por fim, sugerem-se futuras investigações que possam relacionar variáveis sociodemográficas como, por exemplo, o nível de instrução, sexo e com quem vivem os velhos com as formas de enfrentamento das adversidades da vida (resiliência) entre idosos de diferentes contextos socioeconômicos.

## Referências

- Angst, R. (2009). Psicologia e resiliência: uma revisão de literatura. *Psicologia Argumento*, 27 (58), 253-260.
- Araújo, L. F. & Fernández-Rouco, N. (2016). Idosos LGBT: Fatores de Risco e Proteção. In D. V. S. Falcão; L. F. Araújo, & J. S. Pedroso (Orgs.), *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar* (pp.129-138). Campinas-SP: Editoria Alínea.
- Araújo, L. F., Amaral, E. B & Sá, E. C. N. (2014). Análise semântica da violência na velhice sob a perspectiva de estudantes de ensino médio. *Revista Kairós Gerontologia*, 17 (2), 105-120.
- Araújo, L. F., Teva, I., & Bermúdez, M. D. L. P. (2015). Resiliência em adultos: uma revisão teórica. *Terapia psicológica*, 33 (3), 257-276.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA.
- Bauer, M. W. & Gaskell, G. (Eds.). (2016). *Qualitative researching with text, image and sound: A practical handbook for social research*. London: Sage.
- Ciosak, S. I., Costa, M. F. B. N. A., Gonçalves, N., Nakano, R. Rodrigues, J., Alencar, R. A., & Rocha, A. C. A. L. (2011). Senescência e senilidade: novo paradigma na atenção básica de saúde. *Revista da Escola de Enfermagem*, 45 (2), 1763-1768.
- Coimbra, R. M. & Morais, N. A. (2015). *A resiliência em questão: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção*. Porto Alegre: Artmed.
- Cowan, P. A., Cowan, C. P., & Schulz, M. S. (1996). "Thinking about Risk and Resilience in Families." In E.M. Hetherington & E. Blechman (Orgs.), *Stress, Coping, and Resiliency in Children and Families, Advances in Family Research* (pp.1-38). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Debert, G. G. (2016). Envelhecimento e representações sobre a velhice. *Anais*, (6), 537-556.
- Instituto brasileiro de geografia e estatística [IBGE]. (2014). Síntese de indicadores sociais uma análise das condições da população brasileira. *Estudos e Pesquisas Informações Demográfica e Socioeconômica*. Rio de Janeiro, RJ..
- Mota, M. P. (2014). *Ao sair do armário entrei na velhice...: homossexualidade masculina e o curso de vida*. Rio de Janeiro: Mobile.
- Motta, A. B. (2015). As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, 1(13), 191-221.
- Noronha, M. G. R. D. C., Cardoso, P. S., Moraes, T. N. P., & Centa, M. D. L. (2009). Resiliência: nova perspectiva na Promoção da Saúde da Família? *Ciência & Saúde Coletiva*, 14 (2), 497-506.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2016). *Human Development*. New York: McGraw Hill.
- Regolin, F. & Oliveira Karnikowski, M. G. (2009). Teorias biológicas que justificam a necessidade de envelhecimento individual. *Revista Kairós Gerontologia*, 12 (1), 1-19.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American journal of orthopsychiatry*, 57 (3), 316-331.
- Rutter, M. (1999). Resilience concepts and findings: implications for family therapy. *Journal of family therapy*, 21(2), 119-144.
- Rutter, M. (2007). Resilience, competence, and coping. *Child Abuse & Neglect*. *J. Chiabu*. 31 (3), 205-209.
- Santos, J. V. O., Araújo, L. F., & Cardoso, A. C. A. (2016). Gerontologia e políticas educacionais: aspectos históricos e construtos em formação. In F. Negreiros & A. M. P. M. da Silva (Orgs.), *Políticas educacionais e escolarização em diferentes contextos* (pp.330-342). Teresina-PI: EdUFPI.
- Secunho, C. F. (2012). *Resiliência: a arte de enfrentar a adversidade no ciclo da vida*. Brasília. Thesaurus.
- Seguin, R. & Nelson, M. E. (2003). The benefits of strenght training for older adults. *American Journal of Preventive Medicine*, 25 (3), 141-149.
- Singer, A. (2015). Quatro notas sobre as classes sociais nos dez anos do lulismo. *Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de Ciência Política*, 26 (1), 7-14.
- Ungar, M. (2011). The social ecology of resilience: addressing contextual and cultural ambiguity of a

nascent construct. *American Journal of Orthopsychiatry*. 81 (1), 1-17.

Recebido em 27/06/2016  
Aceito em 23/02/2017

---

*Ludgleydson Fernandes de Araújo*: psicólogo, doutor em psicologia pela Universidad de Granada (Espanha) com período sanduíche na Universitàdi Bologna (Itália), Mestre em psicologia e saúde pela Universidade de Granada (Espanha), mestre em psicologia social e especialista em gerontologia pela UFPB. Professor orientador do Programa de Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Psicologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI (Campus de Parnaíba/PI). Participa do GT da ANPEPP – Relações Intergrupais: Preconceito e Exclusão Social. Tem pautado sua atuação no âmbito do ensino, pesquisa e extensão principalmente nos seguintes temas: psicologia social, psicologia do envelhecimento e psicogerontologia, idosos, aspectos psicossociais das drogas e aspectos psicológicos da prevenção ao HIV/AIDS.

*Rayfran José Sousa Silva*: psicólogo pela Universidade Federal do Piauí – UFPI (Campus de Parnaíba/PI) e especialista em Psicologia do Trânsito pela Universidade Cândido Mendes – UCAM.